

PREVENÇÃO DA VDCA / INFÂNCIA "DIFERENTE"

Um filho diferente

**“Monstro é um ser
inacabado, a quem
falta algo de essencial”.**

Claude Kappler



Dra. Maria Amélia Azevedo
Pedagoga / FEUSP
Advogada / FDUSP
Doutora em Educação / FEUSP
Livre Docente e Titular / IPUSP
Coordenadora Científica:
Recria Projetos
www.recriaprojetos.com.br



“Millie e Christine McCoy
lindas negras e siamesas.
Famosas no Barnum Circus
Lindas negras e siamesas:
Millie e Christine McCoy
rouxinol de duas cabeças.
Nascidas na Carolina
do Norte, filhas de escravos,
quem poderia supor
que chegariam a Londres
onde a rainha Vitória
não escondeu seu espanto:
lindas negras e siamesas!
Assombros do fim do século!...

Millie e Christine McCoy
pobres negras e siamesas...

Desgraçadas infelizes
sempre juntas e sozinhas.

Tão iguais e imperturbáveis
na pose para o fotógrafo

Tão sozinhas e perdidas
uma da outra e cingidas

por um cinto de nascença
que nunca lhes desprende

suas flores confundidas
num mesmo vaso absurdo.

Famosas no Barnum Circus

passarinhos de má sorte
dividindo o mesmo grão

estragado.

Fonte: Ferraz, Eucanaã. Venham ver: *the two headed lady* in Piauí, março 2016.

• • •

No dia oito de outubro de 1912, Millie e Christine McCoy morrem de tuberculose. Perfeitamente siamesas, faleceram de uma doença que – na época – estava associada à falta de cuidados básicos de saúde.

Eucanaã Ferraz indaga:

“Qual terá sido infeliz?

Nenhuma delas? As duas?”

A resposta é fácil de imaginar: as duas, filhas diferentes de pais ou responsáveis que optaram por fazer delas “atrações de circo”: ‘celebridades aberrantes’, em moda na época de suas tristes vidas.

• • •

Cem anos depois, o cinema brasileiro lançou o filme COLEGAS⁽¹⁾ protagonizado por atores com Síndrome de Down.

Como escreveu Glaucia Leal (Mente Cérebro, março 2013, p. 12) trata-se de um “elogio à diferença” já que portadores da Síndrome de Down muitas vezes foram vistos como diferentes típicos, só que no plano psicológico.

“Dois rapazes sedentos por aventuras, uma garota romântica, uma boa dose de rebeldia, outro tanto de criatividade e três sonhos [...] Atores com Síndrome de Down dão vida a personagens que, ao reconhecer os próprios desejos, tornam-se sujeitos de suas histórias” (Glaucia Leal). O velho circo – no qual as irmãs siamesas eram expostas como aberrações monstruosas – não é o mesmo cenário onde os três personagens se apropriam de fantasias para vivenciarem sonhos de possibilidades sem exclusão. Significativamente, o filme foi produzido por

¹ Colegas

99 minutos – Brasil 2012

Direção: Marcelo Galvão

Elenco: Ariel Goldemberg, Rita Pokk, Breno Viola, Lima Duarte, Leonardo Miggiarin, Marco Luque, Juliana Didone, Theo Werneck e outros.

Marçal Souza ele mesmo cego e, portanto, diferente, num mundo de videntes. É um filme sobre diferenças que acaba nos capturando do ponto de vista afetivo, porque assentado na visão de que o diferente não é necessariamente nem melhor e nem pior: é diferente apenas.



Colegas, 2012

O fato de ser diferente e ponto, coloca porém um alerta especialmente para os pais: crianças e/ou adolescentes diferentes necessitam de proteção especial contra VIOLÊNCIAS, seja dentro, seja fora de casa.

Não por serem DEFICIENTES, mas por serem DIFERENTES. Não por terem inabilidades mas principalmente por precisarem mais de apoio, afim de capitalizarem as habilidades que possuem também. Como ensina um outro filmete a ser veiculado no dia 21 de maio p. futuro (Dia da Síndrome de Down), jovens “diferentes” podem e devem ser felizes.

Tudo vai depender do cuidado que receberem, sobretudo em casa.

Para esses jovens será sempre fundamental CHEGAR ANTES DA VIOLÊNCIA (DOMÉSTICA E EXTRA DOMÉSTICA), o que configura a PREVENÇÃO PRIMORDIAL, cujo objetivo é “impedir o surgimento e estabelecimento de padrões de vida, sociais, econômicos e culturais que contribuem para o risco (sobretudo) em relação à Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCA)” – (Azevedo, M^a Amélia e Guerra, Viviane N. de A. [2011] – Violência Doméstica na Infância e na Adolescência / Uma Nova Cultura de Prevenção. S. Paulo, Editora Plêiade, p. 122).

Fácil de falar, mas difícil de fazer?

Absolutamente não. A literatura de nosso País já dispõe de relatos autobiográficos extremamente instrutivos para quem quiser e puder integrar o contingente dos “pais bons o bastante” para seus “filhos diferentes”. Um exemplo marcante, em minha opinião, é o livro A queda de Diogo Mainardi (Editora Record, 2012, 2ª edição).

Nele, Diogo recupera a trajetória de um pai, em 424 passos de seu filho Tito, que tem paralisia cerebral, um diferente portanto.

“Tito tem uma paralisia cerebral.” Esta é a frase que dá início à bela e vertiginosa caminhada de um pai em companhia de seu filho. Nela o escritor e jornalista Diogo Mainardi evoca os fatos que marcaram o nascimento e a infância de seu primogênito, para tecer uma teia que enreda sua história familiar e a da literatura, da arte e das ideias.

De Ezra Pound a Rembrandt, de Marcel Proust a Neil Young, de Sigmund Freud a Humpty Dumpty, de Hitler ao U2: são muitos os personagens que se interligam nessa narrativa circular que vai conectando o destino de Tito à trajetória do mundo ocidental.

A paralisia cerebral de Tito tem o efeito de desencadear um movimento que conduz o leitor à Veneza renascentista, ao campo de extermínio de Auschwitz, ao purgatório de Dante Alughieri, às garagens de Ipanema, às comédias de Abbott e Costello. A cada passo cambaleante de Tito, desequilibra-se também a vaidade humana – vaidade que alimenta a ilusão de sermos o centro do universo.

Em *A queda*, Diogo Mainardi espanta e emociona ao revelar o quanto aprendeu com seu filho, e, generosamente, nos dá a chance de fazer o mesmo, mostrando-nos que “saber cair tem muito mais valor do que saber caminhar”.



Diogo Mainardi nasceu em 1962, em São Paulo. Mora em Veneza. Participa do programa *Manhattan Connection*, no canal GloboNews. Publicou quatro romances e duas coletâneas de suas colunas para a revista *Veja*.

“Até aquele momento, eu sempre pensara que, se meu filho permanecesse em estado vegetativo, eu esperaria que ele morresse. Depois de o primeiro contato com Tito no corredor do claustro do hospital de Veneza, tudo se transformou. Eu só queria que ele sobrevivesse, porque eu o amaria e o acudiria de qualquer maneira. Entre a vida e a morte, aferrei-me à vida.”

Essa declaração mostra o tipo de paternagem escolhido por Diogo: a do amor e proteção incondicionais. A despeito da diferença e também por causa dela, a firme decisão de **aprender com Tito**. Por isso mesmo, um livro, nas palavras de Lia Luft, “que deu vontade de chorar pelo resto da vida, mas que também deu ânimo de seguir em frente, ainda mais forte...” (Luft, Lya – Pais não cruzam os braços, Veja, 12 de setembro de 2012).

Um livro, enfim, para **pais que não cruzam os braços diante de um filho diferente** mas, ao contrário, **mobilizam-se para evitar as ciladas da violência, procurando enxergá-lo com potencialidades e limitações, porque cada ser humano é ÚNICO e DIFERENTE**.

PROJETO RECRIA



**VIOÊNCIA DOMÉSTICA NA INFÂNCIA DEIXA MARCAS:
só a PREVENÇÃO deixa trilhas!!!**

PREVENÇÃO DA
VIOÊNCIA
DOMÉSTICA
CONTRA CRIANÇAS
E ADOLESCENTES

www.recriaprojetos.com.br
Acesse e participe!